



A parábola do rico e Lázaro

Peço que me ajudem a compreender o que está escrito em Lucas 16:19-31. – I. F. S.

A compreensão das circunstâncias em que esta parábola foi dada por Jesus, é extremamente importante. Por quê? Porque, naquele tempo, havia muitos na nação judaica que se encontravam na mesma condição lastimosa do rico, ou seja, usando egoística e inadequadamente as suas riquezas. Muitos judeus, por serem descendentes de Abraão, achavam que a salvação lhes estava garantida.

Qual, portanto, o propósito da parábola? A resposta é óbvia. De uma maneira bastante vívida, revela como termina o tempo de graça para o homem com sua morte. Após isso, ele não tem uma segunda oportunidade. Esta parábola serve para demonstrar o desesperançado futuro dos infieis.

Muitas pessoas, no entanto, acham que a parábola representa os mortos como indo para um estado intermediário, onde os justos são tratados amorosamente por Abraão, num lugar denominado “seio de Abraão”, e os ímpios, noutro lugar, mantidos numa condição de tormento. Apóia a Bíblia essa crença? Se esta interpretação fosse verdadeira, as Escrituras Sagradas seriam incoerentes, visto que negam insistentemente um estado intermediário.

Como prova de que a parábola em foco não sustenta esse ponto de vista, mencionemos alguns postulados bíblicos.

1. Os mortos estão reservados “para o dia do juízo” (II Ped. 2:9). Se estão reservados para serem punidos, então é porque não o estão sendo agora. Nem mesmo os demônios estão sendo punidos presentemente. Eles também estão “reservados... para o juízo do grande dia” (Jud. 6). Os próprios demônios perguntaram a Jesus: “Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?” (Mat. 8:29).

2. Segundo a Bíblia, os mortos não estão conscientes. Não têm os dotes da fala, audição, sede e sentimentos, nem manifestam interesse nos que estão vivos. “Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma..., mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento” (Ecl. 9:5).

3. Não existe um lugar literal denominado “seio de Abraão”. Mas, segundo Josefo, famoso historiador, os judeus do tempo de Cristo tinham uma fábula muito semelhante à parábola dada por Cristo. Não se pode deixar de reconhecer a íntima semelhança entre a fábula judaica e a parábola do rico e Lázaro. Os judeus do tempo de Jesus costumavam chamar o lugar dos justos de “Seio de Abraão”, mas isto não é bíblico. Jesus, sabiamente, usou algo parecido para ensinar uma lição aos que se apegavam às coisas materiais, negligenciando as oportunidades de fazer o bem e de tomar decisões corretas nesta vida.

Apenas algumas provas de que “o seio de Abraão” não é um lugar literal:

a) As Escrituras, como já mencionamos antes, dizem que os mortos não sabem coisa nenhuma; que eles não mais amam, nem estão interessados nos vivos. Eles não podem manter vivas suas próprias almas, de modo que almas mortas nada significam (ver Ezeq. 18:20; Tia. 5:20).

b) Não será senão por ocasião do Advento de Cristo que os “bons” e os “maus” serão separados. É nessa ocasião, disse Jesus, que Ele separará as ovelhas dos bodes – os justos dos ímpios – e convidará os justos a tomarem posse de sua recompensa. (Ver Mat. 25: 31-34.)

O diálogo entre Abraão e o homem outrora rico, é figurativo. O importante é o propósito da parábola: “A lição a ser tirada dela é que a todo homem é dada suficiente luz para o desempenho dos deveres dele exigidos. As responsabilidades do homem são proporcionais às suas oportunidades e privilégios.” – *Parábolas de Jesus*, pág. 265. O rico da parábola, extasiado com as coisas do presente, não se preocupou com o preparo para a vida futura. O uso dos bens em favor dos pobres e o preparo para o Céu não teriam um novo período de graça.

Cremos que as seguintes afirmações de Ellen White nos ajudam a entender melhor o significado da parábola:

“Esta parábola traça um

contraste entre o rico que não confiara em Deus e o pobre que nEle depositara confiança.” – *Parábolas de Jesus*, pág. 260.

“Deus fizera do rico um mordomo de Seus meios, com a obrigação de atender justamente a casos tais como o do mendigo.” – *Idem*, pág. 261.

“Lázaro representa o pobre sofrendor que crê em Cristo” (pág. 262).

“Cristo desejava que Seus ouvintes compreendessem a impossibilidade de o homem assegurar-se a salvação da alma depois da morte” (pág. 263).

“Deste modo Cristo mostra a completa falta de esperança em aguardar uma segunda oportunidade. Esta vida é o único tempo dado ao homem para preparar-se para a eternidade” (pág. 263).

“O rico passara a vida em complacência própria, e demasiadamente tarde viu que não fizera provisão para a eternidade” (pág. 264).

“O rico professava ser filho de Abraão, porém foi alienado de Abraão por um abismo intransponível – o caráter incorretamente formado. ... O grande abismo posto entre ele e Abraão era o abismo da desobediência” (pág. 269).

Como se vê, esta parábola não pode ser usada como prova do estado intermediário do homem após a morte, mas tem a finalidade de revelar como termina o tempo de graça que lhe é concedido por Deus. – *Rubens Lessa*